



# EURÁSIA EM FOCO

EDIÇÃO JAN-MAR 2025





Centro de  
Investigação em  
Rússia, Eurásia e  
Espaço Pós-Soviético

UNESP-UNICAMP-PUCSP

ISSN 3085-8925

APOIO



PÓS-GRADUAÇÃO  
**Relações Internacionais**  
**SAN TIAGO DANTAS**

UNESP • UNICAMP • PUC-SP



Centro de  
Investigação em  
Rússia, Eurásia e  
Espaço Pós-Soviético  
UNESP-UNICAMP-PUCSP



**GEDES**

GRUPO DE ESTUDOS DE DEFESA  
E SEGURANÇA INTERNACIONAL

ISSN 3085-8925  
Volume 1, Número 1



# EURÁSIA EM **FOCO**

Publicação Trimestral  
Edição Janeiro-Março de 2025  
São Paulo, 2025

### **COMISSÃO EDITORIAL**

Pérsio Glória de Paula  
Getúlio Alves de Almeida Neto  
Ana Livia Ayres Cardoso

### **CONSELHO EDITORIAL**

Ana Livia Ayres Cardoso  
Danielle Makio  
Getúlio Alves de Almeida Neto  
Guilherme Geremias da Conceição  
Maria Eduarda Carvalho de Araujo  
Pérsio Glória de Paula  
Tito Lívio Barcellos

### **CAPA E LAYOUT:**

Maria Eduarda Carvalho de Araujo  
Guilherme Geremias da Conceição

### **DIAGRAMAÇÃO:**

Guilherme Geremias da Conceição

### **REVISÃO:**

Ana Livia Ayres Cardoso  
Getúlio Alves de Almeida Neto

O conteúdo publicado no boletim trimestral *Eurásia em Foco* é de responsabilidade dos autores e não representa necessariamente a visão do Centro de Investigação em Rússia, Eurásia e Espaço Pós-Soviético (CIRE), do Grupo de Estudos de Defesa e Segurança Internacional (GEDES) e de suas instituições associadas.

© 2025. Centro de Investigação em Rússia, Eurásia e Espaço Pós-Soviético (CIRE). Todos os direitos reservados.

### **CONTATO:**

Praça da Sé, Nº 108, 3º Andar  
CEP: 01001-900  
São Paulo, SP, Brasil  
Fone: + 55 (11) 3116-1770  
E-mail: [cire.ppgstd@gmail.com](mailto:cire.ppgstd@gmail.com)

### **REDES SOCIAIS:**

Instagram: [@cire\\_gedes](https://www.instagram.com/cire_gedes)  
Site oficial: <https://gedes-unesp.org/cire/>

## **SOBRE O EURÁSIA EM FOCO**

O *Eurásia em Foco* é uma publicação trimestral criada pelo Centro de Investigação em Rússia, Eurásia e Espaço Pós-Soviético (CIRE). Como uma plataforma periódica em formato de boletim, seus objetivos incluem fomentar o entendimento multidimensional da Rússia e da Eurásia, oferecer panoramas informativos e breves análises críticas sobre os processos políticos, sociais, culturais e internacionais referentes à região. O *Eurásia em Foco* é um projeto que se orienta para acadêmicos, formuladores de políticas e interessados na dinâmica eurasiática. A iniciativa busca, dessa forma, consolidar-se como referência para discussões que articulem rigor acadêmico, disseminação do conhecimento, incentivo à reflexão e ao debate acerca das complexidades que permeiam o escopo geográfico de estudo e pesquisa do CIRE.



# SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>EDITORIAL</b>	<b>9</b>
	Os primeiros passos do <i>Eurásia em Foco</i> , o novo boletim trimestral do CIRE	<b>9</b>
	<i>Pérsio Glória de Paula</i>	
<b>2</b>	<b>NOTÍCIAS COMENTADAS</b>	<b>12</b>
	Rota do Mar Norte bate recorde, mas fica abaixo das projeções russas	<b>13</b>
	<i>Getúlio Alves de Almeida Neto</i>	
	Após quase 40 anos de guerra, Armênia e Azerbaijão apontam possibilidade de assinatura de Tratado de Paz	<b>15</b>
	<i>Ana Livia Ayres Cardoso</i>	
	Estônia amplia presença no setor de defesa e cibersegurança com projetos espaciais e parcerias com os EAU	<b>17</b>
	<i>Maria Eduarda Carvalho de Araujo</i>	
	A segurança armada e o desarme da ética: o retrocesso da Lituânia no direito humanitário	<b>18</b>
	<i>Maria Eduarda Carvalho de Araujo</i>	
	O Quirguistão e os impactos da geopolítica nas dinâmicas socioculturais do país	<b>19</b>
	<i>Pérsio Glória de Paula</i>	
<b>3</b>	<b>ANÁLISES ESPECIAIS</b>	<b>22</b>
	A retomada do diálogo entre Rússia e EUA e o futuro da guerra da Ucrânia	<b>23</b>
	<i>Getúlio A. de Almeida Neto &amp; Maria Eduarda C. de Araujo</i>	
	O acordo Tadjique-Quirguiz e a concertação regional centro-asiática: uma nova configuração geopolítica?	<b>28</b>
	<i>Danielle Makio &amp; Guilherme G. da Conceição</i>	
	<b>SOBRE O CIRE</b>	<b>32</b>

*A primeira condição para modificar a realidade  
consiste em conhecê-la*

Eduardo Galeano

# 1 EDITORIAL

## OS PRIMEIROS PASSOS DO EURÁSIA EM FOCO, O NOVO BOLETIM TRIMESTRAL DO CIRE

Pérsio Glória de Paula

*São Petersburgo, abril de 2025*

Desde o fim da Guerra Fria, o mundo assiste a transformações estruturais que reconfiguram processos sociais, políticos e culturais em escalas nacionais e internacionais. A complexidade desses fenômenos expõe as contradições entre a realidade e as narrativas teóricas dominantes que, sob pretensões universalistas, revelam-se incapazes de explicar, ou mesmo reconhecer, a emergência de novas dinâmicas de poder no século XXI. A globalização, frequentemente idealizada como força homogeneizadora, intensificou a interdependência econômica, mas falhou em conter o ressurgimento de rivalidades geopolíticas e o colapso de consensos multilaterais. As estruturas institucionais e normativas desenhadas sob a égide do liberalismo, longe de consolidarem um "fim da história", tornaram-se vetores de tensão ao imporem modelos alheios a contextos locais, exacerbando as demandas por soberania, representatividade e os imperativos de reforma da governança global - atualmente marcada por inaceitáveis assimetrias.

Na atual conjuntura, frequentemente descrita como um período de transição sistêmica, evidencia-se uma contenda crítica entre a preservação de um ordenamento internacional construído no Pós-Guerra Fria, e centrado em um eixo Euroatlântico, e a emergência de pólos alternativos de poder, alicerçados em Estados e coalizões que demandam e promovem uma reorganização essencial das relações mundiais e das instituições internacionais. Essa contenda manifesta-se em fenômenos disruptivos, como a paralisia de mecanismos multilaterais, a dificuldade na coordenação para enfrentar a crise climática, a intensificação de conflitos transnacionais e até no ressurgimento de nacionalismos xenófobos como reação à percepção do declínio ocidental.

Da mesma forma, o Espaço Pós-Soviético, núcleo geopolítico da Eurásia, encarna as contradições estruturais da ordem internacional. Por um lado, o colapso da URSS foi condição indispensável para a emergência do projeto unipolar pós-1991 e permitiu a universalização das instituições, normas e regras ocidentais. Por outro, a Eurásia transformou-se em epicentro formativo das contestações desse mesmo projeto sistêmico. Nos anos 1990, a região serviu de laboratório para reformas neoliberais e integração forçada ao Ocidente. Já o século XXI assiste à reconfiguração da Eurásia como palco de iniciativas revisionistas, de formação de identidades locais, de projetos autônomos de desenvolvimento e de construção de mecanismos alternativos de integração regional e governança global. A guerra na

Ucrânia, longe de ser um episódio isolado, sintetiza essa tensão e realça não só a importância da região nas relações internacionais contemporâneas, como também a impreterível necessidade de entendê-la.

Como uma potência do Sul Global, o Brasil compartilha com os países do Espaço Pós-Soviético desafios comuns, que vão desde a luta contra assimetrias institucionais à busca por autonomia tecnológica e à crítica a um multilateralismo estratificado. Analisar a região a partir de perspectivas nacionais permite contornar as narrativas formadas por agendas alheias e desvelar fatores invisíveis aos “olhos do Norte”, como as possíveis sinergias entre os projetos de integração eurasiática e sul-americanos, os paralelos entre a crise do neoliberalismo no Leste e no Sul, e o potencial de alianças baseadas não em ideologias, mas em soberanias complementares. Assim, para o Brasil, a compreensão dessas dinâmicas não é apenas uma proeza acadêmica, mas também é um imperativo estratégico para uma potência que aspira a autonomia política e cognitiva em um cenário global de crescentes incertezas.

Diante desses desafios, é com satisfação que apresentamos a primeira edição do *Eurásia em Foco*, publicação acadêmica do Centro de Investigação em Rússia, Eurásia e Espaço Pós-Soviético (CIRE), dedicada à análise crítica das dinâmicas geopolíticas, econômicas e estratégicas dessa região. O Boletim *Eurásia em Foco* propõe-se como uma alternativa epistemológica, oferecendo análises informadas por uma visão autônoma, crítica e comprometida com os desafios da inserção internacional do Brasil e a partir de uma perspectiva brasileira.

A presente edição inaugural do *Eurásia em Foco* consolida um esforço analítico focado nos principais eventos ocorridos entre janeiro e março de 2025. Além deste editorial, que contextualiza a relevância estratégica da Eurásia na ordem internacional em transição, a publicação inclui uma compilação temática de notícias prioritárias, de regiões como o Cáucaso, os Bálticos e a Ásia Central, selecionadas a partir de uma curadoria rigorosa que integra projetos já consolidados do CIRE, como o nosso clipping de notícias e o acompanhamento diário de fontes midiáticas e governamentais regionais. Ademais, a edição também conta com análises aprofundadas que abordam dois eixos centrais. O primeiro examina a retomada do diálogo entre Estados Unidos e Rússia, a nova abordagem da administração Trump em relação ao conflito ucraniano e os limites para a negociação de um cessar-fogo. O segundo debruça-se sobre o papel geopolítico da Ásia Central, destacando sua capacidade de mediação entre potências globais e regionais, ao mesmo tempo que consolida um pragmatismo multivetorial e soberano. Complementando essas discussões, mapas e dados visuais ilustram a conjuntura atual e os tópicos abordados.

Reconhecemos que esta edição marca um início, não um ponto de chegada. O formato atual, trimestral e centrado em análises de conjuntura, será aprimorado gradualmente, à medida que incorporamos contribuições da comunidade acadêmica, observações dos leitores e experiências acumuladas em projetos paralelos do CIRE. Planejamos expandir o escopo temático, introduzindo seções dedicadas a opiniões de especialistas internacionais, traduções comentadas de documentos estratégicos e resenhas de produções acadêmicas e culturais

da Eurásia. A médio prazo, ambicionamos integrar recursos multimídia, como infográficos interativos, e buscar indexação em bases acadêmicas de referência, garantindo maior alcance e impacto transnacional. A Comissão Editorial, composta por pesquisadores vinculados ao CIRE, manterá padrões metodológicos alinhados às melhores práticas das Ciências Sociais e das Relações Internacionais e seguirá comprometida com a produção de conhecimento relevante e acessível.

Agradecemos aos pesquisadores, colaboradores e parceiros que tornaram possível este primeiro passo. Aos leitores, reiteramos o convite para que enxerguem o *Eurásia em Foco* não apenas como um veículo informativo, mas como uma plataforma de diálogo intelectual de perspectivas críticas do Sul Global. Contamos com o engajamento de todos para que este projeto cresça em qualidade e pluralidade.

*Desejamos uma boa e proveitosa leitura.*

*Atenciosamente,*

*Comissão Editorial do Boletim Eurásia em Foco,  
publicação trimestral do CIRE*



#### CONHEÇA O EDITOR DESTE NÚMERO

*Pérsio G. de Paula é doutorando em Relações Internacionais pela Universidade Estatal de São Petersburgo (SPbGU). Mestre em Estudos Estratégicos pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Estratégicos da Defesa e da Segurança (PPGEST-UFF/2019) e Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal Fluminense (UFF/2016).*

# 2 NOTÍCIAS COMENTADAS

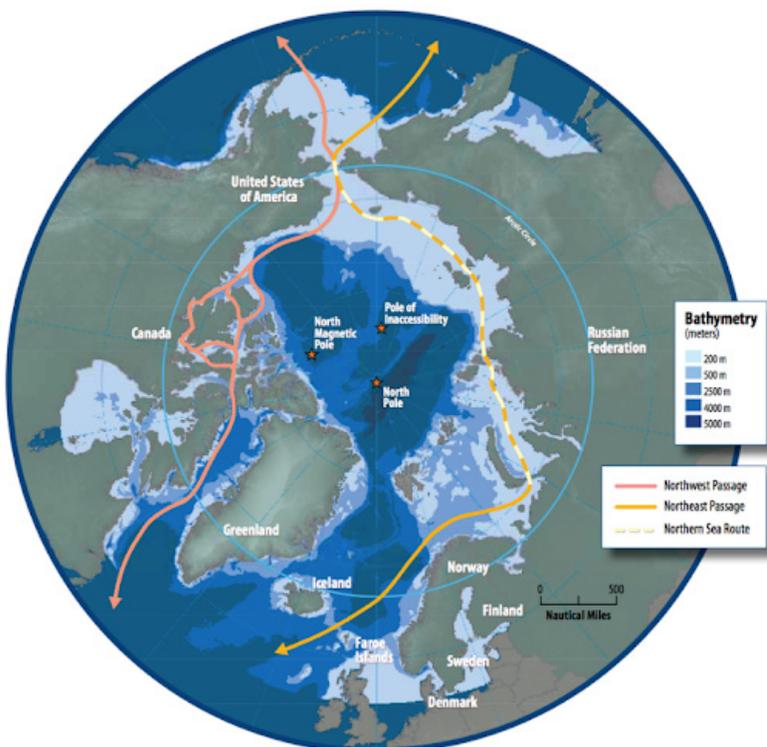


## FEDERAÇÃO RUSSA

ROTA DO MAR NORTE BATE RECORDE,  
MAS FICA ABAIXO DAS PROJEÇÕES RUSSAS

Getúlio Alves de Almeida Neto

Ao final de 2024, aproximadamente 38 milhões de toneladas foram transportadas através da Rota do Mar do Norte (*Northern Sea Route*, em inglês; *Severnyy morskoy put*, em russo latinizado), estabelecendo um novo recorde para a rota marítima localizada no Ártico russo [1]. Apesar do volume inédito, o total transportado ao longo de 2024 foi substancialmente inferior aos 80 milhões de toneladas projetados em 2018, e colocam em dúvida as estimativas de 130 milhões para 2035, segundo o previsto na Estratégia de Desenvolvimento da Zona do Ártico da Federação Russa, publicado em 2020 [2].



As rotas marítimas do Ártico  
Fonte: Wikimedia Commons

A chamada Rota do Mar do Norte é uma parte da Passagem do Nordeste, que em conjunto com a Passagem do Noroeste, liga o Atlântico ao Pacífico através do Ártico. A Rota do Mar do norte possui aproximadamente 5.600 km de extensão, e está localizada na zona econômica exclusiva da Rússia no Ártico, iniciando-se no Estreito de Kara, passagem que separa Mar de Barents e Mar de Kara, no oeste russo, e terminando no Estreito de Bering, no extremo leste. Assim, essa rota no Ártico se configura como a ligação marítima mais curta entre a Europa e a Ásia, sendo que a extensão total da Passagem do Nordeste é cerca de 40% menor do que via o tradicional Canal de Suez, no Egito.

No entanto, a navegabilidade nessa região é ainda restrita em razão do gelo nos mares do Oceano Ártico. Por esse motivo, há a necessidade de utilização de navios quebra-gelo que acompanham as embarcações, além da exigência de cumprirem com as especificações do Código Polar, adotado pela Organização Marítima Internacional, em 2014. Atualmente, a importância da rota do Ártico na Rússia se dá principalmente pelo transporte doméstico e o escoamento de matéria-prima, como o petróleo e o gás liquefeito natural para a China. A maior parte do tráfego na região ainda é dominado por viagens domésticas [3].

Contudo, as projeções de derretimento do gelo no Ártico podem facilitar a navegação no Ártico, tornando-a mais intensa ao longo do ano todo. Nesse contexto, a Rota do Nordeste é um dos eixos cardinais para a política russa para o Ártico. Assim, Moscou estabelece como um dos principais objetivos para o século XXI transformá-la em uma das principais rotas marítimas para o comércio internacional.

Para viabilizar esse objetivo, o governo russo tem investido na reestruturação e modernização dos portos ao longo da rota, em novas frotas de quebra-gelo, no desenvolvimento de serviços de busca e resgate e de legislação específica para o tráfego marítimo na região. Em discurso realizado no Fórum Internacional do Ártico, em Murmansk, na Rússia, Vladimir Putin destacou que a Rússia está aberta a projetos de cooperação com outros países, inclusive países ocidentais [4].

*São Paulo, janeiro de 2025*

## APÓS QUASE 40 ANOS DE GUERRA, ARMÊNIA E AZERBAIJÃO APONTAM POSSIBILIDADE DE ASSINATURA DE TRATADO DE PAZ

Ana Livia Ayres Cardoso

No dia 11 de março de 2025, oficiais da Armênia e Azerbaijão declararam que as nações haviam acordado em assinar um tratado de paz a fim de encerrar o conflito referente à região de Nagorno-Karabakh [5]. O conflito perdura desde 1988, passando por períodos mais acirrados e frágeis períodos de pacificidade.

Nagorno-Karabakh é uma região nas montanhas do Cáucaso, oficialmente localizada em território azerbaijano, entretanto abriga uma população de cerca de 120.000 armênios étnicos, os quais não aceitam o governo azerbaijano. Ainda na União Soviética, em 1923, o território em questão se tornou uma região autônoma dentro do Azerbaijão, apoiada pela Armênia, mas sem reconhecimento oficial de qualquer outro país. Em 1988, o governo de Karabakh aprovou uma resolução na qual expressava o desejo de fazer parte da Armênia, o que resultou nos primeiros embates referentes à região [6].



O conflito de Nagorno-Karabakh  
Fonte: Wikimedia Commons

Em 2023, Nikol Pashinyan, primeiro-ministro armênio, afirmou que a paz seria possível, contudo, apenas se o Azerbaijão limitasse suas pretensões territoriais às delimitações da antiga República Socialista Soviética da Armênia, ou seja, excluísse de seu território Nagorno-Karabakh. Neste mesmo período, o Azerbaijão solicitou a retirada de todas as forças armadas e intervenções armênias do território.

Em 2025, o Ministério das Relações Exteriores da Armênia declarou que um tratado de paz estava pronto para ser assinado. O Ministério das Relações Exteriores do Azerbaijão confirmou o sucesso das negociações da proposta inicial do Tratado. Nesses termos, é necessário mencionar que a Armênia acatou as propostas do Azerbaijão referentes ao rascunho do acordo. As propostas azerbaijanas referem-se 1) à não mobilização de forças de países terceiros na fronteira, e 2) à retirada mútua de reivindicações internacionais e ao compromisso de não agir um país contra o outro. De forma geral, o acordo aborda o estabelecimento de relações diplomáticas entre os países [7].

Apesar dos avanços noticiados, percebem-se alguns desacordos entre os países neste processo. O Azerbaijão declarou que uma das condições para a assinatura é que a Armênia deixe de reivindicar contra a soberania azerbaijana sobre Nagorno-Karabakh. O primeiro-ministro da Armênia declarou que não houve discussões sobre a alteração da constituição de seu país. Da mesma forma, argumentou que não existem reivindicações territoriais armênias contra o Azerbaijão. O texto da constituição armênia em questão refere-se ao apelo pela unificação da Armênia com Nagorno-Karabakh. Pashinyan declarou que o texto acordado no rascunho do acordo abordava e resolvia todas as preocupações expressas por ambas as partes.

Ainda que Yerevan tenha ressaltado a proposta resolutiva do acordo, a alteração na constituição parece uma possibilidade para o primeiro-ministro, que em fevereiro solicitou um referendo nacional sobre a questão. Contudo, não foram definidas as mudanças que seriam debatidas ou datas para votação das alterações constitucionais. As autoridades armênias declararam que, possivelmente, o resultado do voto do referendo nacional é distante de ser positivo às alterações.

*São Paulo, março de 2025*



**REPÚBLICAS BÁLTICAS****ESTÔNIA AMPLIA PRESENÇA NO SETOR DE DEFESA E CIBERSEGURANÇA COM PROJETOS ESPACIAIS E PARCERIAS COM OS EAU***Maria Eduarda Carvalho de Araujo*

Os meses de janeiro e fevereiro apresentaram maior atividade no que tange a cibersegurança na Estônia. A Estônia é reconhecida por ser um país altamente informatizado e hospeda o Centro de Defesa Cibernética da OTAN. Em 23 de janeiro de 2025, foi assinado em Tallin, capital estoniana, o contrato referente ao início de um projeto de dois anos que conta com o apoio da Agência Espacial Europeia (ESA) e do Escritório Espacial da Estônia. Já em seu início, empresas e organizações de diversos países, incluindo fabricantes de satélites, demonstraram interesse em utilizá-lo.

O projeto tem como objetivo auxiliar empresas de pequeno e médio porte do setor espacial, oferecendo um ambiente seguro para simulação de ataques cibernéticos visando o aprimoramento de seus sistemas antes do lançamento real. Este ambiente virtual, projetado para testar e validar tecnologias de satélites de maneira segura e econômica, será construído na instalação nacional de área cibernética CR14, na Estônia. O projeto conta com um investimento superior a 2,5 milhões de euros [8] e reúne algumas das principais empresas de tecnologia do país, como a Spaceit [9].

Além disso, a Estônia vem fortalecendo alianças nos setores de defesa, em especial relacionados com tecnologia. Durante a Exposição Internacional de Defesa (IDEX), em 26 de fevereiro de 2025 nos Emirados Árabes Unidos (EAU), o Ministro da Defesa estoniano, Hanno Pevkur, destacou a colaboração entre os dois países em seus setores de defesa [10], com os EAU centrando-se em tecnologias de defesa, e afirmou que as relações entre os dois países estão sendo marcadas pelo aumento da cooperação empresarial. Na exposição, os produtos de defesa estonianos apresentaram um registro de interesse crescente, o que foi percebido como uma oportunidade de ampliar a cooperação por meio de parcerias estratégicas na defesa e cibersegurança com os EAU. Vale mencionar que essa parceria se insere no crescente investimento do país árabe em tecnologias avançadas, com previsão de investimento acumulado de 129 bilhões de dólares entre 2024 e 2028.

*São Paulo, fevereiro de 2025*

## A SEGURANÇA ARMADA E O DESARME DA ÉTICA: O RETROCESSO DA LITUÂNIA NO DIREITO HUMANITÁRIO

No início de março a Lituânia se retirou da Convenção sobre Munições de Fragmentação. As munições de fragmentação são armamentos que dispersam centenas de pequenas bombas mortais em uma área extensa. Esse tipo de arma não faz distinção entre alvos militares e civis, causando destruição imediata e deixando resíduos perigosos a longo prazo. A razão disso é que muitas das submunições não explodem no impacto e ficam espalhadas por campos e áreas residenciais, representando uma ameaça constante para a população, já que remover esses pequenos explosivos não detonados insere um trabalho que pode levar anos. Dessa forma, 107 países adotaram [11], em 2008, a Convenção sobre Munições de Fragmentação [12], proibindo o uso, produção, estocagem e transferência dessas munições devido ao seu caráter indiscriminado. Entretanto, vale ressaltar que o Brasil [13], a Rússia, China e os EUA, por exemplo, não fazem parte da Convenção.

No entanto, em 6 de março de 2025, a Lituânia formalmente se retirou da Convenção [14], uma decisão que gerou preocupação em relação à proteção dos civis no país e seus efeitos mais amplos para o direito internacional. A intenção de se retirar da Convenção havia sido anunciada em setembro de 2024, e a justificativa apresentada foi o sentimento de insegurança provocado pela Guerra na Ucrânia. A Lituânia argumentou que, ao se retirar da Convenção, poderia usar as munições de fragmentação como um meio de dissuadir e impedir um possível ataque da Rússia. De acordo com Dovile Sakaliene, ministro da Defesa da Lituânia, essa decisão foi apresentada como uma mensagem estratégica de que o país está preparado para usar todos os meios possíveis para garantir sua defesa.

Essa justificativa, entretanto, apresenta contradições [15]. A Ucrânia, por exemplo, que nunca aderiu à Convenção, teve liberdade para empregar munições de fragmentação, mas isso não impediu a invasão russa em 2022 e que está em curso. Além disso, o uso dessas armas na Lituânia pode representar o risco de seu emprego e efeitos colaterais para a população civil nas áreas onde forem empregadas. Não obstante, o país também planeja se retirar [16] da Convenção sobre a Proibição de Minas Antipessoal [17], uma medida também anunciada pela Polônia, Estônia e Letônia [18], em 18 de março de 2025 [19]. Ao abandonar tratados que visam fortalecer a cooperação dos países em proteção do direito internacional, a Lituânia, sendo o primeiro país a se retirar de um tratado de desarmamento humanitário [19], abre precedentes para que outros Estados façam o mesmo. Logo, trata-se de uma decisão que fragiliza a regulamentação de métodos de guerra que protejam civis, brutalizando ainda mais os conflitos armados.

*São Paulo, março de 2025*

## ÁSIA CENTRAL

O QUIRGUISTÃO E OS IMPACTOS DA GEOPOLÍTICA NAS  
DINÂMICAS SOCIOCULTURAIS DO PAÍS*Pérsio Glória de Paula*

As renovadas disputas geopolíticas globais têm reverberado também na Ásia Central. A região, historicamente marcada por rotas comerciais e impérios, vive hoje uma dinâmica de mudanças e tensões que são afetadas pelas relações com a Rússia, pela afirmação de culturas e identidades locais e pela pressão e influência de atores internacionais. No Quirguistão, eventos como o aumento de russos obtendo passaportes quirguizes, novas leis secularistas e as disputas envolvendo nomes próprios são exemplos dos efeitos socioculturais de fenômenos internacionais na região.

Após o início do conflito na Ucrânia em 2022, a Ásia Central tornou-se receptora de russos, tanto por fatores internos da Rússia, quanto pelas sanções ocidentais, que dificultaram a mobilidade internacional de cidadãos do país. Como alternativa, muitos russos recorreram à obtenção de passaportes em países como o Quirguistão, onde a aquisição de cidadania é facilitada por laços históricos e o uso do russo como idioma oficial. Novos dados do Departamento de Registro da População do Quirguistão revelam um aumento significativo de russos com passaportes quirguizes, os quais somam até o momento cerca de sete mil pessoas obtendo cidadania quirguiz somente em 2024. Esse fenômeno reflete o impacto da conjuntura internacional na lógica migratória preexistente, na qual o Quirguistão se destacava como um tradicional fornecedor de mão de obra à Rússia.

Já em fevereiro, em uma emenda à Lei da Esfera Religiosa, assinada pelo presidente Sadyr Japarov em janeiro, o Quirguistão proibiu o uso do *niqab*, véu integral relacionado ao Islã, em locais públicos. Adicionalmente, a atuação de líderes religiosos autônomos também foi restringida e eventos religiosos em instituições públicas, como prisões, centros de detenção, unidades do exército, escolas e universidades, foram proibidos.

As justificativas para essas decisões estão relacionadas com a segurança e a facilitação de identificação facial e almejam combater o recrutamento para grupos radicais e terroristas [20]. Da mesma forma, a legislação vai de encontro a projetos secularistas, também implementados em países vizinhos, como o Tadjiquistão e o Cazaquistão, que atuam para conter a influência de grupos extremistas e resolver o problema do terrorismo e do radicalismo. Embora o *hijab*, um véu parcial, permaneça permitido, as medidas têm sido criticadas por afetar as liberdades

individuais e religiosas.

Ainda no âmbito de afirmação de identidades culturais, a região também vive uma dualidade onomástica. Na Rússia, migrantes centro-asiáticos adotam nomes eslavos para evitar discriminação. Em contrapartida, no Quirguistão e Tadjiquistão, campanhas incentivam o retorno a nomes tradicionais, visando apagar marcas da russificação [21].

Essa série de eventos evidencia os desafios para a região e, em particular, para o Quirguistão em balancear suas relações com a Rússia, seu principal parceiro econômico e político, e as pressões exercidas por outros atores, como os países ocidentais e comunidades religiosas, ao mesmo tempo em que exercem a construção de identidades locais distintas. Essas mudanças não são meramente simbólicas, mas também refletem a complexidade da influência das dinâmicas internacionais nas relações socioculturais da região.

*São Petersburgo, fevereiro de 2025*



## FONTES

- [1] NORTHERN Sea Route shipping falls short of Russia's 2024 target. The Barents Observer, [s.l.], 2024. Disponível em: <https://thebarentsobserver.com/en/arctic/2024/03/northern-sea-route-shipping-falls-short-russias-2024-target>. Acesso em: 22 abr. 2025.
- [2] Denmark to allow preservation work on damaged Nord Stream 2 pipeline. Reuters, [s.l.], 2024. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/europe/denmark-allow-preservation-work-damaged-nord-stream-2-pipeline-2024-03-27/>. Acesso em: 22 abr. 2025.
- [3] PUTIN's Arctic Forum speech. RT, [s.l.], 2024. Disponível em: <https://www.rt.com/russia/614888-putin-arctic-forum-speech/>. Acesso em: 22 abr. 2025.
- [4] Putin vows tenfold Arctic shipping by 2025. The Barents Observer, [s.l.], 2024. Disponível em: <https://www.thebarentsobserver.com/arctic/putin-vows-tenfold-arctic-shipping-by-2025/115310>. Acesso em: 22 abr. 2025.
- [5] Armenia and Azerbaijan peace agreement conditions. CNN, [s.l.], 13 mar. 2025. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2025/03/13/europe/armenia-and-azerbaijan-peace-agreement-conditions-intl-latam/index.html>. Acesso em: 22 abr. 2025.
- [6] Azerbaijan-Armenia Nagorno-Karabakh explainer. CNN, [s.l.], 20 set. 2023. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2023/09/20/asia/azerbaijan-armenia-nagorno-karabakh-explainer-intl/index.html>. Acesso em: 22 abr. 2025.
- [7] The window for an Armenia-Azerbaijan peace deal is closing. The Moscow Times, [s.l.], 3 abr. 2025. Disponível em: <https://www.themoscowtimes.com/2025/04/03/the-window-for-an-armenia-azerbaijan-peace-deal-is-closing-a88565>. Acesso em: 22 abr. 2025.
- [8] Estonia to host Europe's new space cybersecurity testing ground. Euractiv, [s.l.], 2024. Disponível em: <https://www.euractiv.com/section/cybersecurity/news/estonia-to-host-europes-new-space-cybersecurity-testing-ground/>. Acesso em: 22 abr. 2025.
- [9] Estonia enhances global defence innovation through strategic alliances. SpaceIT, [s.l.], 2024. Disponível em: <https://spaceit.eu>. Acesso em: 22 abr. 2025.
- [10] SPACEIT. Página institucional. Disponível em: <https://spaceit.eu>. Acesso em: 22 abr. 2025.
- [11] PARLAMENTO EUROPEU. Press release – Cluster munitions. Bruxelas: Parlamento Europeu, 2008. Disponível em: [https://www.europarl.europa.eu/RegData/presse/pr\\_post\\_story/2008/PT/03A-DV-PRESSE\\_STO\(2008\)11-14\(42065\)\\_PT.pdf](https://www.europarl.europa.eu/RegData/presse/pr_post_story/2008/PT/03A-DV-PRESSE_STO(2008)11-14(42065)_PT.pdf). Acesso em: 22 abr. 2025.
- [12] CONVENTION on Cluster Munitions. Disponível em: <https://www.clusterconvention.org/convention-text/>. Acesso em: 22 abr. 2025.
- [13] BRASIL. Ministério da Defesa. Bombas de fragmentação feitas pelo Brasil. Brasília, 2010. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/credn/arquivos/arquivos-de-apresentacoes-em-eventos/2010/bombas-de-fragmentacao-feitas-pelo-brasil-04-04-2010/ministerio-da-defesa>. Acesso em: 22 abr. 2025.
- [14] Lithuania's departure from Convention on Cluster Munitions creates dangers. ReliefWeb, [s.l.], 2024. Disponível em: <https://reliefweb.int/report/lithuania/lithuanias-departure-convention-cluster-munition-creates-dangers-its-population-and-global-norms>. Acesso em: 22 abr. 2025.
- [15] Poland, Baltic nations pull out of landmines convention. Reuters, [s.l.], 18 mar. 2025. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/europe/poland-baltic-nations-pull-out-landmines-convention-2025-03-18/>. Acesso em: 22 abr. 2025.
- [16] UNITED NATIONS. Anti-Personnel Landmines Convention. [S.I.]: UNODA, 2024. Disponível em: <https://disarmament.unoda.org/anti-personnel-landmines-convention/>. Acesso em: 22 abr. 2025.
- [17] Ottawa Treaty and the Convention on Cluster Munitions: recent developments. UK Parliament – Lords Library, [s.l.], 2024. Disponível em: <https://lordslibrary.parliament.uk/ottawa-treaty-and-the-convention-on-cluster-munitions-recent-developments/>. Acesso em: 22 abr. 2025.
- [18] LITHUANIA withdraws from the Anti-Personnel Mine Ban Convention. Ministry of National Defence of Lithuania, [s.l.], 2024. Disponível em: <https://kam.lt/en/lithuania-withdraws-from-the-anti-personnel-mine-ban-convention/>. Acesso em: 22 abr. 2025.
- [19] CCM-12MSP President Statement on Lithuania Withdrawal. Convention on Cluster Munitions, [s.l.], 2024. Disponível em: [https://www.clusterconvention.org/wp-content/uploads/2024/09/CCM-12MSP-President-Statement-on-Lithuania-Withdrawal\\_Final.pdf](https://www.clusterconvention.org/wp-content/uploads/2024/09/CCM-12MSP-President-Statement-on-Lithuania-Withdrawal_Final.pdf). Acesso em: 22 abr. 2025.
- [20] Kyrgyzstan bans Islamic niqab as critics warn it could alienate some women. RFE/RL, [s.l.], 2025. Disponível em: <https://www.rferl.org/a/kyrgyzstan-niqab-ban/32875285.html>. Acesso em: 22 abr. 2025.
- [21] Kyrgyzstan promotes 'traditional names' amid new de-Russification drive. Russia's war on Ukraine fuels Kyrgyz passport boom. RFE/RL, [s.l.], 2025. Disponível em: <https://www.rferl.org/a/kyrgyzstan-passport-boom-traditional-names-russia-war/32864578.html>. Acesso em: 22 abr. 2025.

# 3 ANÁLISES ESPECIAIS



## A RETOMADA DO DIÁLOGO ENTRE RÚSSIA E EUA E O FUTURO DA GUERRA DA UCRÂNIA

*Getúlio Alves de Almeida Neto*

*Maria Eduarda Carvalho de Araujo*

Em dezembro de 2024, publicamos uma análise sobre a eleição de Donald Trump com as possíveis tendências e implicações de seu novo governo em relação ao contexto da Guerra da Ucrânia. Em meio ao frenesi gerado pela expectativa de que o novo governo estadunidense pudesse cessar abruptamente o apoio a Kiev, em razão de uma possível proximidade e simpatia entre Trump e Putin, e de suas falas taxativas sobre acabar com a guerra em “24 horas”, buscamos cautela em relação às possibilidades de desenvolvimento do conflito. Com os indícios presentes naquele momento, a partir do gabinete principal montado por Trump em cargos-chave para lidar com a guerra, sugerimos que quatro cenários poderiam se desenvolver a partir da posse de Trump como Presidente dos Estados Unidos:

1. Trump cessaria por completo o apoio à Ucrânia e as tropas russas continuariam a avançar sobre território ucraniano antes do início das negociações de paz, com o objetivo de obter maior quantidade de território possível;
2. Trump cessaria por completo o apoio à Ucrânia, haveria o congelamento do conflito, e Rússia e Ucrânia aceitariam participar de negociações de paz;
3. Trump proporia o congelamento do conflito, mas Rússia e Ucrânia não aceitariam as condições e o conflito continuaria nos mesmos moldes;
4. Não haveria o início de negociações de paz e a guerra continuaria a escalar;

Do lado russo, destacamos a fala do porta-voz do Kremlin, Dmitri Peskov, de que Putin não estaria disposto a congelar as linhas atuais de combate, e só aceitaria participar de negociações quando seus objetivos fossem atingidos. Objetivos que continuam a ser os mesmos e expressos de forma clara e assertiva por Moscou: 1) o abandono das ambições ucranianas de entrar na OTAN; 2) a retirada das tropas ucranianas das quatro zonas ocupadas parcialmente pela Rússia: Donetsk, Luhansk, Kherson e Zaporizhzhia, e seu reconhecimento enquanto território russo; 3) reconhecimento da Crimeia como parte da Federação Russa.

Após dois meses da posse de Trump, é possível destacar uma mudança radical da postura estadunidense em relação ao conflito na Ucrânia que se insere dentro do escopo maior das relações bilaterais entre Washington e Moscou, ainda

que as propostas do governo estadunidense sobre como acabar com o conflito não sejam claras. Nesse sentido, a Administração Biden buscou isolar política, econômica e diplomaticamente a Rússia; armar, treinar e fornecer inteligência à Ucrânia; e aumentar a coesão política dos membros da OTAN contra a Rússia. Por sua vez, o governo Trump busca restabelecer o diálogo com Moscou; pressiona Kiev a pôr fim ao conflito ao pausá-lo, por uma semana, o apoio militar à Ucrânia; e diminui a confiança dos países europeus na possibilidade de contar com a ajuda estadunidense no futuro a partir de críticas feitas à OTAN.

Assim, a situação atual do conflito é marcada pela retomada das relações entre Rússia e Estados Unidos e o início das discussões sobre a possibilidade de fim da guerra após três anos. No início de fevereiro, o enviado especial dos EUA para o Oriente Médio, Steven Witkoff – que substituiu Keith Kellogg enquanto enviado especial para a Ucrânia após exigência da Rússia – se reuniu com Putin em Moscou. Como resultado do contato, os dois países fizeram a troca de dois prisioneiros.

Além da troca de prisioneiros, no dia 12 do mesmo mês, houve a primeira ligação entre Trump e Putin, que concordaram em iniciar imediatamente as negociações sobre a Ucrânia. O telefonema foi amplamente repercutido pelos meios midiáticos, por ser uma tentativa de enfraquecer o isolamento imposto pelo Ocidente ao considerar a retomada das relações bilaterais e iniciar projetos conjuntos, especialmente relacionados com a mineração. Tal posicionamento vindo dos Estados Unidos da América foi repudiado sobretudo pelos países europeus, percebendo o reinício das relações como a representação de uma vitória russa. Entretanto, o passo mais robusto para a retomada do diálogo oficial entre os dois países e dos laços diplomáticos se deu na primeira reunião entre representantes de alto nível dos dois Estados, em 18 de fevereiro, em Riad, capital da Arábia Saudita. A reunião estabeleceu, pela primeira vez, a possibilidade de um encontro presencial entre Putin e Trump e, num aspecto mais amplo, a expectativa de retomada da cooperação econômica entre os dois países e o alívio gradual das sanções aplicadas à Rússia.

Desde então, a postura estadunidense em relação à Ucrânia se mostra inconstante, ainda que em consonância com a política de “*America First*” de Donald Trump e sua cúpula governista. Como exemplificação deste processo, além da percepção de possibilidades de projetos e cooperação econômica com a Rússia, o governo dos EUA busca impor à Ucrânia o controle de suas terras raras como forma de compensação pelo auxílio militar dado a Kiev ao longo desses três anos de conflito. Neste contexto, também acrescenta-se o humilhante encontro do presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, com Trump e o vice-presidente dos EUA, J.D. Vance, que resultou em Trump suspendendo temporariamente o fornecimento de armas e inteligência à Ucrânia, retomado uma semana depois.

A pressão de Trump sobre a Ucrânia fez com que Zelensky aceitasse a proposta de um cessar-fogo com a Rússia. No entanto, a proposta foi recusada por Putin, que vê com desconfiança a estratégia de um cessar-fogo completo como possibilidade de rearmamento das forças ucranianas. Ao final, Rússia e Ucrânia concordaram em um cessar-fogo de trinta dias em relação a ataques a instalações de energia, que parece não ter gerado resultados, conforme alegações de ataques

tanto de Kiev, quanto de Moscou. Já no dia 25 de março, um comunicado da Casa Branca informou que um cessar-fogo no Mar Negro havia sido acordado após três dias de conversas entre representantes dos EUA e da Rússia, novamente na capital da Arábia Saudita. Algumas horas após o anúncio estadunidense, no entanto, o Kremlin emitiu uma nota em que afirmou que o cessar-fogo somente se iniciaria após as sanções contra o Banco Agrícola Russo, sobre navios de bandeira russa envolvidos no comércio de produtos alimentícios, e fertilizantes.

Por hora, a situação da guerra da Ucrânia se insere no terceiro cenário imaginado ao fim de 2024: “a tentativa de Trump de impor um cessar-fogo e o fim do conflito, mas a recusa de Rússia e Ucrânia em concordar com os termos para uma solução duradoura”. Nesse meio tempo, entretanto, a guerra continua a se desenrolar, apresentando vantagens para a Rússia no avanço dos territórios anexados, e na retomada do controle em Kursk e expulsão dos soldados ucranianos.

Contudo, como afirmamos na análise de dezembro de 2024, as condições para o fim da guerra, na perspectiva russa, são as mesmas desde o início do conflito. A manutenção dos territórios conquistados é uma questão adjacente ao cerne do problema central das relações entre Rússia e OTAN: o status da Ucrânia em relação à aliança militar ocidental. Dessa forma, é evidente que Moscou não aceitará qualquer solução momentânea sem a oficialização do status de neutralidade e de renúncia do pleito ucraniano de entrar para a OTAN. Assim, da mesma forma como a invasão russa à Ucrânia, em fevereiro de 2022, não deve ser entendida como um mero expansionismo territorial, tampouco o fim do conflito será por decisões imediatistas e frágeis.

Nesse cenário, por meio da guerra com a Ucrânia, Moscou apresenta como um dos seus objetivos reescrever as relações estabelecidas com Washington após a dissolução da União Soviética e discutir um novo arcabouço de segurança para o espaço pós-soviético e além. Do lado dos EUA, a política de Trump que busca desvincular-se da obrigação de proteção ao continente europeu, característica da hegemonia estadunidense desde o fim da Segunda Guerra Mundial, aliada à política de cortes de gastos e direcionamento dos esforços políticos, econômicos e militares para combater a China, podem significar o abandono gradual da Ucrânia após a consumação de seus interesses juntos a Kiev. Nessa teia de complexidades, a Ucrânia é o palco da disputa entre duas grandes potências, enquanto a Europa, apesar de ansiar por uma mudança por parte da abordagem dos EUA para a região, também começa a considerar a necessidade de repensar seu modelo de defesa e desenvolvimento.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMSKY, Sasha. The Most Disgraceful Foreign Policy Spectacle in US History. The Nation. The Nation. Disponível em: <https://www.thenation.com/article/politics/disgraceful-foreign-policy-spectacle-in-us-history/>. Acesso em: 15 abr. 2025.
- ALMEIDA NETO, Getúlio Alves de; ARAUJO, Maria Eduarda Carvalho de. O novo governo Trump e a guerra na Ucrânia: possíveis indícios e cenários. CIRE – Centro de Investigação em Rússia, Eurásia e Espaço Pós-Soviético, 26 dez. 2024. DOI: 10.5281/zenodo.14552263.
- DENISOVA, Kateryna. 'Should be reaction from US' – Russian attack on Kherson breaks energy ceasefire terms, Zelensky says. The Kyiv Independent. April 15, 2025. Disponível em: <https://kyivindependent.com/russian-attack-on-energy/>. Acesso em: 15 abr. 2025.
- GREGORY, James; AIKMAN, Ian. What we know about US-Ukraine minerals deal. BBC. 5 March 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/articles/cn527pz54neo>. Acesso em: 15 abr. 2025.
- KIEV breaking energy ceasefire – Moscow. RT NEWS. Disponível em: <https://www.rt.com/russia/614849-mod-ukraine-energy-infrastructure/>. Acesso em: 15 abr. 2025.
- LIPTAK, Kevin; WALDENBERG, Samantha; LIEBERMANN, Oren. Trump pauses military aid to Ukraine after Oval Office argument with Zelensky, White House official says. CNN News. March 3, 2025. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2025/03/03/politics/trump-administration-ukraine-aid/index.html>. Acesso em: 15 abr. 2025.
- LITVINOVA, Dasha; LEE, Matthew. Russia and US agree to work toward ending Ukraine war in a remarkable diplomatic shift. AP NEWS. February 18, 2025. Disponível em: <https://apnews.com/article/russia-ukraine-war-riyadh-talks-trump-putin-rubio-0c3beebfef5839e9d509ff58239a6bc5>. Acesso em: 15 abr. 2025.
- PRESIDENTE DA RÚSSIA. Principais resultados da reunião dos grupos de especialistas da Rússia e dos EUA. March 25, 2025. Disponível em: <http://www.kremlin.ru/events/president/news/76526>. Acesso em: 25 abr. 2025.
- PUTIN RULES OUT 'Freezing' War in Ukraine, Top Spokesman Says. November 20, 2024. The Moscow Times. Disponível em: <https://www.themoscowtimes.com/2024/11/20/putin-rules-out-freezing-war-in-ukraine-top-spokesman-says-a87077>. Acesso em: 23 dez. 2024.
- QUINN, Melissa. Trump speaks with Putin, says talks to end Ukraine war will begin "immediately". CBS NEWS. February 12, 2025. Disponível em: <https://www.cbsnews.com/news/trump-putin-russia-ukraine/>. Acesso em: 15 abr. 2025.
- ROSENBERG, Steve. Rosenberg: Trump-Putin call seen as victory in Russia. BBC. 19 March 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/articles/cjevq23enggo>. Acesso em: 15 abr. 2025

RUSSIA Agrees to Halt Attacks on Energy Infrastructure, But Broader Ceasefire Talks Stall. The Moscow Times. March 18, 2025. Disponível em: <https://www.themoscowtimes.com/2025/03/18/russia-agrees-to-halt-attacks-on-energy-infrastructure-but-broader-ceasefire-talks-stall-a88406>. Acesso em: 15 abr. 2025

TRUMP'S Russia-Ukraine Envoy Excluded from Negotiations at Kremlin's Behest – NBC News. The Moscow Times. March 14, 2025. Disponível em: <https://www.themoscowtimes.com/2025/03/14/trumps-russia-ukraine-envoy-excluded-from-negotiations-at-kremlins-behest-nbc-news-a88357>. Acesso em: 15 abr. 2025.

TUCKER, Eric; MEGERIAN, Chris. Russia releases imprisoned American Marc Fogel in what US calls a step toward the end of Ukraine war. AP NEWS. February 12, 2025. Disponível em: <https://apnews.com/article/donald-trump-vladimir-putin-20ab40d17f8a9b4abf9b3498da979859>. Acesso em: 15 abr. 2025.

WATCH: TRUMP SAYS as President He'd Settle Ukraine War Within 24 Hours. May 10, 2023. Wall Street Journal. <https://www.wsj.com/video/watch-trump-says-as-president-hed-settle-ukraine-war-within-24-hours/0BCA9F18-D3BF-43DA-9220-C13587EAEDF2?embed=true>. Acesso em: 23 dez. 2024.

**Como citar:**

ALMEIDA NETO, Getúlio A. de; ARAUJO, Maria Eduarda C. de. A retomada do diálogo entre Rússia e EUA e o futuro da guerra da Ucrânia. *Eurásia em Foco*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 23-27, Jan./Mar. 2025. Centro de Investigação em Rússia, Eurásia e Espaço Pós-Soviético (CIRE).

DOI: 10.5281/zenodo.15750094

## O ACORDO TADJIQUE-QUIRGUIZ E A CONCERTAÇÃO REGIONAL CENTRO-ASIÁTICA: UMA NOVA CONFIGURAÇÃO GEOPOLÍTICA?

*Danielle Makio*

*Guilherme Geremias da Conceição*

Enquanto o mundo segue voltado para o cenário europeu e para os esforços de finalização do conflito entre Rússia e Ucrânia, a Ásia Central avança discretamente na tentativa de resolver uma antiga, e por vezes violenta, disputa territorial. No início de dezembro de 2024, após uma reunião na cidade quirguiz de Batken, os governos do Tadjiquistão e do Quirguistão anunciaram um consenso acerca de sua fronteira comum. A negociação, liderada pelos chefes dos Comitês Estaduais de Segurança Nacional de ambos os países, representa um marco significativo após anos de atritos e confrontos pontuais, especialmente em 2021 e 2022, tornando-se um marco importante para a diplomacia e para a auto afirmação regional.

Nesse sentido, a regulamentação fronteiriça de quase 1.000 km não apenas merece o epíteto histórico, atribuído pelos presidentes Emomali Rhamon e Sadyr Japarov para se referir ao acordo, como inaugura uma nova etapa da cooperação centro-asiática frente às pressões internacionais. Entretanto, tal resolução pacífica não está imune a desafios futuros: a delimitação física e o esforço interno necessário para comunicar tais mudanças às populações locais. Cenário o qual também nos permite questionar como a ratificação do acordo, prevista para ocorrer nos parlamentos tadjique e quirguiz nos próximos meses, influenciará práticas regionais no compartilhamento de água e como isso poderá pressionar novos confrontos sob a ingerência externa.

Em perspectiva histórica, é importante considerar que Tadjiquistão e Quirguistão nem sempre nutriram desavenças. Na realidade, a disputa por terras e recursos hídricos, além dos fluxos migratórios sazonais na fronteira de 975 km, emergiu com maior intensidade somente após o colapso da União Soviética (URSS), em 1991. Algo particularmente evidenciado nos conflitos de 2021 e 2022, em Batken e Sughd (Tadjiquistão), quando os embates locais escalaram para níveis mais elevados de violência. Nessas ocasiões, além do deslocamento forçado de mais de 100 mil pessoas apenas no território quirguiz, houveram também ataques a veículos civis, execuções sumárias e dezenas de baixas.

Embora o presidente russo Vladimir Putin tenha mediado uma reunião entre as partes em 2022 — dado o posicionamento estratégico de suas bases militares nos dois países —, foi apenas em 2023 que avanços substanciais se concretizaram no nível regional. Naquele ano, Dushanbe e Bishkek chegaram a um entendimento sobre 90% da linha divisória, percentual que subiu para

94% em 2024. Este ano, em visita oficial ao Quirguistão, no dia 12 de março, o presidente Rahmon reiterou seu compromisso com a criação de uma zona “neutra” e “desmilitarizada”, especialmente nas rotas que conectam o enclave de Vorukh ao restante do território tadjique. Ainda foi debatida a redistribuição no uso da estação hidrelétrica de Golovnoi, que capta águas de rios explorados por ambos os Estados (Ak-Suu e Isfara), estabelecendo que cada país terá acesso exclusivo a um dos diques da represa, partilhando o terceiro.

Seguindo na esfera regional, o progresso dessas conversações foi também reforçado pela cúpula trilateral inédita com o Uzbequistão, realizada em Khujand (Tadjiquistão), no dia 31 de março. O que não poderia ser diferente. Afinal, a intensificação dos diálogos bilaterais e os gestos de cooperação entre as lideranças centro-asiáticas refletem o principal propósito das Reuniões Consultivas de Chefes de Estado – um mecanismo informal de diálogo proposto em 2017 pelo presidente uzbeque Shavkat Mirziyoyev. Não por acaso, o formato anual tem priorizado a resolução de disputas e, em 2024, durante a cúpula de Astana, no Cazaquistão, foi assinado o “Conceito para o Desenvolvimento da Cooperação até 2040”, um documento que não apenas rompe com o histórico de regionalismos mal-sucedidos da década de 1990, como também fortalece o comércio local e a celebração de inúmeros acordos de demarcação fronteiriça no Vale de Fergana.

Particularmente para o caso Tadjique-Quirquiz, a resolução de controvérsias territoriais assume um papel especialmente significativo diante do histórico frágil dessas duas repúblicas. Ambas figuravam entre as mais pobres da antiga URSS e foram duramente afetadas pelo seu fim, o que interrompeu os fluxos regionais de acesso à recursos estratégicos, como o petróleo e o gás. Ademais, os dois países enfrentaram eventos traumáticos desde a independência, como a sangrenta guerra civil no Tadjiquistão (1992-1997), marcada por uma complexa clivagem de atores políticos e extremistas religiosos, e as sucessivas ondas de instabilidade domésticas sofridas no Quirguistão, com o advento da “Revolução das Tulipas” (2005) e com a queda de três presidentes nos últimos vinte anos, a última ocorrida em 2020.

Mas afinal, o que a melhoria das relações intra-regionais nos revela sobre a reconfiguração geopolítica da Ásia Central e quais os seus impactos externos? É notório que a região, rica em recursos naturais e situada no epicentro da Eurásia, tem sido alvo constante de disputas por influência. A Rússia, por exemplo, agiu rapidamente para restabelecer a esfera de poder pós-soviética, criando iniciativas como a Comunidade de Estados Independentes (CEI), em 1991, a Organização do Tratado de Segurança Coletiva (OTSC), em 2002, e a União Econômica Eurasiática (UEE), em 2014. Já a China, percebendo o valor logístico e estratégico da região, investiu em infraestrutura e lançou a Organização para Cooperação de Xangai (OCX), em 2001, além da Iniciativa do Cinturão e Rota (BRI), anunciada justamente no Cazaquistão em 2013.

A aproximação à Ásia Central, seja como resposta russa à expansão ocidental ou como estratégia chinesa para reduzir a dependência das rotas marítimas dominadas pelos Estados Unidos (EUA), alimenta uma convergência delicada entre essas potências e as repúblicas locais, exemplificada na própria OCX. Ao mesmo tempo, tal dinâmica permite a emergência de uma nova fase nas relações da região,

com iniciativas coordenadas e o estreitamento de laços com outros atores de peso no tabuleiro geopolítico, como a Turquia e o Ocidente – representado por Washington e Bruxelas, no âmbito da União Europeia (UE). Enquanto Ancara aposta em vínculos histórico-culturais para obter ganhos comerciais e militares via a Organização dos Estados Turcos (OTS), a UE, liderada principalmente por França e Alemanha, mira no potencial econômico do local.

Cabe ressaltar que, enquanto esse texto é escrito, ocorre na cidade uzbeque de Samarkand a primeira Cúpula UE-Ásia Central, em homenagem aos 30 anos de suas relações diplomáticas. Além de promover instituições como o Banco Europeu de Reconstrução e Desenvolvimento (BERD) como alternativa aos empréstimos chineses, o novo reposicionamento do Ocidente visa garantir acesso ao Corredor de Transporte Trans-Cáspio (TITR), em meio ao cenário internacional volátil agravado pelo retorno de Donald Trump à presidência dos EUA. A Casa Branca, por sua vez, também vem articulando laços com a região. A recente nomeação de Marco Rubio como Secretário de Estado sinaliza uma postura mais pragmática diante da Ásia Central, em contraste com a abordagem adotada pelo democrata Joe Biden, o que representa uma intensificação do jogo geopolítico centro-asiático, especialmente pelo antagonismo de Trump em relação à China.

Porém, até o momento, nem Moscou, nem Pequim, ou qualquer parceiro ocidental, como os EUA e a UE, encontraram garantias plenas de que seus interesses locais serão alcançados. A interdependência com a Rússia, embora sólida em termos econômicos e militares, nem sempre se traduz em ganhos recíprocos. Da mesma forma, a atuação chinesa, ainda que marcada pelo pragmatismo, gera preocupações, particularmente pelos níveis de endividamento impostos a economias frágeis como as do Tadjiquistão e Quirguistão. Por sua vez, o Ocidente enfrenta dúvidas quanto à viabilidade concreta de seus projetos e de suas promessas intempestivas. Isso porque, não podemos perder de vista que a Ásia Central também foi foco das Revoluções Coloridas, apoiadas pelos EUA e pelo bloco europeu num passado não muito distante.

Logo, o recente acordo Tadjique-Quirguiz pode ser interpretado enquanto parte de um longo esforço, reativo às influências exógenas, em uma tentativa de resolver os próprios problemas sem a mediação externa e promover a independência regional. Essa busca por maior soberania na condução das agendas nacionais não apenas responde a desafios contemporâneos, mas também dialoga com legados do passado, especialmente as dificuldades econômicas e de segurança herdadas da era pós-soviética. Tal resposta coordenada, testada algumas vezes na história recente da Ásia Central, abre caminho para uma nova fase do desenvolvimento da região – desde que acompanhada de compromisso contínuo por parte de suas lideranças. Porém, assim como no passado, o resultado dessas iniciativas pode desencadear reações externas adversas, de modo que não seria surpreendente se novos levantes “inesperados” eclodissem no Quirguistão, e se a radicalização islâmica no Tadjiquistão entoasse pedidos de “mudança de regime”.

## REFERÊNCIAS

- BBC NEWS. Tajikistan-Kyrgyzstan border clashes: Dozens killed. [S.l.], 19 set. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/world-asia-62950787>. Acesso em: 22 abr. 2025.
- COUNCIL OF THE EUROPEAN UNION. International Summit – 04 April 2025. [S.l.]: Consilium, 2025. Disponível em: <https://www.consilium.europa.eu/en/meetings/international-summit/2025/04/04/>. Acesso em: 22 abr. 2025.
- EURASIANET. Kyrgyzstan, Uzbekistan complete border delimitation process. [S.l.], 2024. Disponível em: <https://eurasianet.org/kyrgyzstan-uzbekistan-complete-border-delimitation-process>. Acesso em: 22 abr. 2025.
- NIKKEI ASIA. Kyrgyzstan, Tajikistan and Uzbekistan to hold 1st trilateral summit. [S.l.], 2025. Disponível em: <https://asia.nikkei.com/Politics/International-relations/Kyrgyzstan-Tajikistan-and-Uzbekistan-to-hold-1st-trilateral-summit>. Acesso em: 22 abr. 2025.
- RADIO FREE EUROPE / RADIO LIBERTY. Kyrgyzstan, Tajikistan sign historic border deal. [S.l.], 2025. Disponível em: <https://www.rferl.org/a/kyrgyzstan-tajikistan-border-deal-historic-peace-agreement/33345668.html>. Acesso em: 22 abr. 2025.

### **Como citar:**

MAKIO, Danielle; CONCEIÇÃO, Guilherme G. da. O acordo tadjique-quirguiz e a concertação regional centro-asiática: uma nova configuração geopolítica? *Eurásia em Foco*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 28-31, Jan./Mar. 2025. Centro de Investigação em Rússia, Eurásia e Espaço Pós-Soviético (CIRE).

## SOBRE O CIRE

O Centro de Investigação em Rússia, Eurásia e Espaço Pós-Soviético (CIRE), fundado em setembro de 2023, está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas (UNESP, UNICAMP, PUC-SP) como subgrupo do Grupo de Estudos de Defesa e Segurança Internacional (GEDES). O CIRE é um grupo de estudos autônomo, de caráter científico, dedicado aos estudos sobre Rússia, Eurásia e Espaço Pós-Soviético. Sua missão é fomentar pesquisas e debates sobre dinâmicas políticas, econômicas, sociais e culturais da região a partir de perspectivas brasileiras e promover o diálogo e parcerias entre pesquisadores nacionais e internacionais em temas como relações internacionais, segurança, história e sociedade.

### Linhas de Pesquisa

**Política Internacional e Política Externa:** Estudo do processo de construção dos Estados Nacionais eurásianos e da formulação e implementação de suas políticas exteriores. Descrição analítica das relações intra-região, seus objetivos comuns e divergências internas, êxitos e fracassos, na edificação de um sistema regional. Análise da inserção internacional da Rússia e dos Estados pós-soviéticos, suas relações com as potências ocidentais e com os novos atores da arena Sul-Sul.

**Desenvolvimento, Segurança e Integração Regional:** Análise das transformações geopolíticas e econômicas no Pós-Guerra Fria, emergência da Rússia e dos países eurásianos no cenário internacional, processos de integração, com sua lógica política e possibilidades de formação de um regionalismo pós-soviético. Estudo da região enquanto novo campo de disputa estratégica global em função da crise energética e de recursos naturais e alimentares, bem como a nova e crescente relevância de dinâmicas securitárias e dos conflitos locais.

**História, Cultura e Sociedade:** Investigação multidisciplinar sobre as diversas áreas de influências que moldaram o desenvolvimento socioeconômico, político e cultural da Rússia e do espaço eurásiano ao longo do tempo. Análise da formação da União Soviética até as dinâmicas regionais contemporâneas, aprofundando o entendimento das narrativas históricas, transformações culturais, buscando analisar as interações sociais que

delinearam as identidades dessa vasta e diversificada região.

## **Membros**

### **Ana Livia Ayres Cardoso (Universidade de São Paulo, Brasil)**

Áreas de atuação: Política externa soviética; Identidade e cultura; Diplomacia cultural soviética; Construtivismo e políticas dos afetos.

### **Danielle Makio (PPGRI San Tiago Dantas, Brasil)**

Áreas de atuação: Política externa russa; Relações sino-russas; Ásia Central; Separatismos no espaço pós-soviético.

### **Getúlio Alves de Almeida Neto (PPGRI San Tiago Dantas, Brasil)**

Áreas de atuação: Política externa russa; Política de defesa e segurança da Rússia; Doutrina militar e forças armadas russas; Ártico.

### **Guilherme Geremias da Conceição (PPGRI San Tiago Dantas, Brasil)**

Áreas de atuação: Construção do Estado na URSS; Política externa das repúblicas da Ásia Central; Integração regional no espaço pós-soviético.

### **Maria Eduarda Carvalho de Araujo (PPGRI San Tiago Dantas, Brasil)**

Áreas de atuação: Política externa russa; Memória histórica; Segurança ontológica e identidade no espaço pós-soviético.

### **Paulo Victor Fernandes Oliveira (Universidade Federal da Bahia, Brasil)**

Áreas de atuação: Política externa russa; Relações sino-russas; Relações internacionais da Eurásia.

### **Pérsio Glória de Paula (Universidade Estatal de São Petersburgo, Rússia)**

Áreas de atuação: Política externa russa; Geopolítica e geoestratégia da Rússia; Identidade nacional; BRICS.

### **Tito Lívio Barcellos (PPGRI San Tiago Dantas, Brasil)**

Áreas de atuação: Geopolítica da Rússia; Doutrina militar e forças armadas russas; Geoestratégia do espaço pós-soviético.

## Parceiros

### **PPGRI San Tiago Dantas (UNESP, UNICAMP, PUC-SP)**

O Programa Interinstitucional de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas foi fundado em 2003 por intermédio de uma parceria entre a Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). A associação, construída pela interação das três universidades, mantém importantes bibliotecas, centros de documentação, estruturas informatizadas e tem representado, desde a sua criação, a utilização de tais recursos com excelência, evidenciando uma nova capacidade de ensino e pesquisa.

### **Grupo de Estudos de Defesa e Segurança Internacional (GEDES)**

O Grupo de Estudos de Defesa e Segurança Internacional (GEDES) foi fundado em 2001, na Faculdade de História, Direito e Serviço Social, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), no campus de Franca, por iniciativa de um grupo de professores e alunos interessados no tema da Paz, da Defesa e da Segurança Internacional. Constituiu-se como Grupo Acadêmico dentro da estrutura da Universidade, e foi o primeiro do campus de Franca a ser reconhecido pelo Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento (CNPq) como grupo de pesquisa.



## **Contato e redes sociais do CIRE**

Praça da Sé, N°108  
3° Andar  
São Paulo, São Paulo  
Brasil - CEP 01001-900  
Fone: +55 (11) 3116-1770  
E-mail: [cire.ppgstd@gmail.com](mailto:cire.ppgstd@gmail.com)

Instagram: [@cire\\_gedes](https://www.instagram.com/@cire_gedes)  
Site: [gedes-unesp.org/cire/](http://gedes-unesp.org/cire/)





Centro de  
Investigação em  
Rússia, Eurásia e  
Espaço Pós-Soviético  
UNESP-UNICAMP-PUCSP